

Não permita Deus que eu morra sem entender essa metrópole

May God not allow me to die without understanding this metropolis

Que Dios no me permita morir sin entender esta metrópoli



Clovis Ultramari

Pontifícia Universidade Católica do Paraná – Paraná – Brasil

ultramari@yahoo.com



Manoela Massuchetto Jazar

Pontifícia Universidade Católica do Paraná – Paraná – Brasil

manoelamj.arq@gmail.com

Resumo: O contexto deste artigo é o do diálogo interdisciplinar entre cidade e literatura, onde a segunda é tomada como fonte complementar de informação em leitura com viés urbanístico. A partir da geografia vivida por Guilherme de Almeida e duas de suas obras (**Cosmópolis** e **Pela Cidade**), consideradas representativas de sua relação com a metrópole de São Paulo, discutimos processos urbanos capazes de eventualmente serem generalizados para outros contextos. Analisamos a construção de uma geografia interurbana e intraurbana do autor, suas referências a elementos e compartimentos da cidade e relações temporais entre narrativas e mudanças no processo de urbanização da capital paulista entre 1930 e 1969. A Guilherme de Almeida não interessava explicar a cidade a partir de princípios urbanísticos; este artigo utiliza seus textos “à revelia”. A conclusão evidencia fractais na sua visão como morador da metrópole e reitera a potencialidade da literatura como fonte para o estudo urbano, provocando debates, reduzindo vazios investigativos e complementando abordagens tradicionais que dão sinais de esgotamento.

Palavras-chave: Guilherme de Almeida. Literatura e Cidade. Epistemologias do urbano.

Abstract: The context of this article is the interdisciplinary dialogue between urbanism and literature. This dialogue is limited to the use of literature as a source of information and to its reading biased to urbanistic perspectives. It is based on the author's geography and two selected works by the Brazilian poet and essayist Guilherme de Almeida, mostly considered as reference of his relation with the metropolis of Sao Paulo. It uses the author's interurban and intraurban geography, its references to this city's elements and compartments, and possible temporal relations between his text and urban changes implemented in the 1930-1969 period. We clearly assume that Guilherme de Almeida had no intention in explaining the city according to urbanistic principles; this article take his texts "by default". Final considerations reiterate the author's fractal sight of the city and the potentiality of literature as a tool to understand cities or provoking further debates on it. It also reiterates the possibility of having literature as a source to reduce investigative voids and also as a complement for old approaches already signaling exhaustion.

Keywords: Guilherme de Almeida. Literature and City. Urban epistemologies.

Resumen: El contexto de este artículo es del diálogo interdisciplinario entre ciudad y literatura; este diálogo se limita al uso de la literatura como fuente complementaria de información y su lectura con un sesgo estrictamente urbanístico. Basado en la geografía experimentada por Guilherme de Almeida y dos de sus obras (*Cosmópolis* y *Pela Cidade*), consideradas representativas de su relación con la metrópoli de San Pablo, discutimos procesos urbanos capaces de eventualmente ser generalizados a otros contextos brasileños. Analizamos la construcción del autor de una geografía interurbana e intraurbana, sus referencias a elementos y compartimentos de esa ciudad, y las posibles relaciones temporales entre narrativas y cambios en el proceso de urbanización de la capital de São Paulo entre 1930 y 1969. Asumimos que Guilherme de Almeida no estaba interesado en explicar la ciudad desde principios urbanísticos; este artículo utiliza sus textos "por defecto". La conclusión destaca los fractales en su visión como residente de la metrópoli de São Paulo y reitera el potencial de la literatura como fuente para el estudio de las ciudades, provocando nuevos debates, ayudando a reducir los vacíos de investigación y complementando los enfoques tradicionales que muestran signos de agotamiento.

Palabras clave: Guilherme de Almeida. Literatura y ciudad. Epistemologías

Introdução: Guilherme de Almeida e sua São Paulo

O contexto que se discute as geografias de Guilherme de Almeida é aquele em que a cidade chama a atenção pela simbologia de uma modernidade nem sempre verdadeira. Assim entendida de modo mais explícito a partir do final do século XIX, vê-se também incrementarem as preocupações de um novo campo de estudos: o urbanismo. Sob os impactos de processos de industrialização, esse novo campo se constituiria não pela constatação de uma modernidade, mas pela confirmação de um problema (Choay, 2010). De fato, “modernidade e experiência urbana formam um binômio de dupla implicação” (Gomes, 1999, p. 26). Tomamos o texto de Guilherme de Almeida como cenário da convivência tácita entre uma São Paulo que enseja a utopia da modernidade e um urbanismo que ainda não necessariamente reconhece seus problemas urbanos. Completaria esse cenário a literatura: “ao final do século XIX, as relações entre cidade, literatura e modernidade se estreitaram e produziram profícuas reflexões sobre as novas formas de sociabilidade” (Nascimento, 2014, p. 81). Muito já se atestou sobre a relação entre literatura e cidade (Jazar, 2020), sendo a primeira uma potencial relatora da segunda, contribuindo para orientar o urbanismo para práticas mais sensíveis e compreensão do intangível sobre suas estruturas tangíveis de território, base natural, infraestruturas, e outras “concretudes”.

Este artigo não intenciona discutir uma cidade específica, ainda que amplamente apresentada nos textos fontes, mas, sim tomá-los para discutir “a cidade” e atributos do fenômeno urbano. Sua base teórica reside na consideração do urbanismo como prática social e cultural, ampliando-o a partir das tradicionais restrições impostas pelos campos da arquitetura, engenharia e físico-naturais (a primeira porta conceitual para se entender a cidade, conforme Bresciani, 1991). Para além deste interesse, o objeto de investigação – a cidade – exige, mais e mais, novas interpretações e novos instrumentos e fontes analíticas.

Para Gomes (1996), a literatura não seria tão somente uma ferramenta de descrição de realidades, mas, sim, importante mediador entre realidades e representações. Do mesmo modo que este autor justifica a importância da literatura para a geografia, justificamos sua importância para o urbanismo: sem criar generalizações, prioriza a singularidade dos espaços, sem

estabelecer normativas, fornece interpretações sobre realidades vividas espacialmente.

Reconhecemos que a escrita transmite, mesmo que veladamente, um ponto de vista. Tomando emprestado o conceito das chamadas *zonas mudas*, de Abric (2003, p. 61), o qual discute a confiabilidade de informações coletadas numa pesquisa, reconhecemos as armadilhas que a leitura também possa ter. Abric se pergunta: “As pessoas que interrogamos nos dizem mesmo o que pensam?”. A sujeição da veracidade ao intento literário na descrição de um espaço urbano pode, todavia, ser compensada pela apresentação de uma multitude de entendimentos a partir de cada personagem e também por uma aguçada percepção do autor (Claval, 1999). Juan Rulfo parece sintetizar essa questão com sua conhecida afirmação de que todo escritor seria um mentiroso e a literatura uma mentira. Um ceticismo que é imediatamente desfeito: “*pero de esa mentira sale una recreación de la realidad; recrear la realidad es, pues, uno de los principios fundamentales de la creación*” (Rulfo, 1995, p. 45).

Outro elemento do contexto maior de nossa pesquisa é a constatada dificuldade de se encapsular a realidade complexa de uma cidade por meio de sínteses e conceitos. Apesar disso, debates sobre o fenômeno urbano e sobre a cidade selecionam, inocente, espontânea ou propositadamente, elementos que possam conceituar, sempre parcialmente, esse todo de difícil síntese (Ultramari, 2019). Na leitura das duas obras selecionadas de Guilherme de Almeida essa intenção de síntese é ostensivamente observada. Estaria aí presente o uso de fractais urbanos, entendimentos parciais da cidade, na tentativa – frustrada – de catalisar realidades urbanas maiores; observar e discutir essa presença são o objetivo principal do presente artigo.

A São Paulo de Guilherme de Almeida seria restrita à perspectiva do seu autor e, mais ainda, à interpretação daquele que o lê. Considerando que a produção literária pode revelar elementos sobre o espaço por meio da perspectiva transmitida por um escritor e o entendimento concebido pelo leitor; a escrita e leitura se constituem como transmissoras da vivência e experiência da e na cidade, seja pela forma de descrever, expor, narrar ou pensar. Elementos que Guilherme de Almeida utiliza para descrever a cidade onde vive ou os compartimentos que visita e trabalha serão sempre limitados a uma perspectiva que lhe é particular e a uma reflexão autoral específica. A perspectiva da leitura aqui realizada – a dos estudos urbanos – igualmente reflete

experiências e interesses pessoais, tal qual lembrada pelos obstáculos epistemológicos de Bachelard (2006). A leitura qualifica o autor, à sua própria revelia; valendo a lembrança de que usar e interpretar textos são ações distintas (Eco, 2008).

Se limitações investigativas existem, para o caso deste artigo, há ainda um objetivo operacional que as reforçam. Sendo esse objetivo a busca por potenciais na literatura para um debate limitadamente urbanístico, corremos o risco de ignorar a intenção primeira, literária ou jornalística, de Guilherme de Almeida. Umberto Eco (2005) explica essa possível restrição: “única interpretação válida tem por objetivo descobrir a intenção original do autor” (p. 29); a intenção do texto pode ser irrelevante, sendo a interpretação seu verdadeiro propósito.

A interdisciplinaridade entre cidade e literatura ocorre a partir de um processo de circulação de ideias entre contexto urbano, autor e obra literária, sendo mais frequentemente empregada na análise de obras sem a explicitação de engajamentos políticos ou sociais (vide a cidade do Rio de Janeiro e sua modernização no início do século XX, em Machado de Assis), ou de seu reverso, como, por exemplo, em Jorge Amado (Pontes, 2009). Observa-se também uma circulação de ideias nas relações entre obra literária e a atuação influente do autor na sociedade em que viveu e contribuiu a formatá-la. Em Guilherme de Almeida, tal qual um “poeta em ação”, tem-se seu envolvimento como intelectual do Movimento Modernista Brasileiro, a partir de 1922, combatente na Revolução Constitucionalista de São Paulo de 1930, membro na Academia Brasileira de Letras, integrante da Comissão para as festividades do IV Centenário da cidade de São Paulo, e detentor de cargos públicos, dentre outras inúmeras instituições e causas coletivas (ABL, 2018).

Desde suas primeiras manifestações, no século XIX, a cidade passa a ser reconhecida como o lócus majoritário do mundo moderno, consolidando-se assim no papel de cenário e de personagem. A simbólica Paris de Baudelaire (1821-1867) é um claro exemplo de uma literatura moderna que revela uma cidade modelo, um ideal de vida urbana, e um mito urbano que permaneceria como “verdade” até a primeira metade do século XX (Ultramari; Ciffoni, 2015). Tais mitos, estrategicamente assimilados por gestões urbanas diversas e seus grupos políticos, reproduziram aquilo que a literatura já havia feito: a tomada de fractais enganosos como o todo urbano, tal qual uma cidade que todos querem e todos idealizam. Um cenário facilmente

transportado para a metrópole de São Paulo nos anos 1930.

A identificação de atributos urbanos e seus agentes causais eventualmente contidos na literatura pode ser feita por meio da cartografia do autor e sua obra. Tally Jr. (2017), por exemplo, é contundente ao dizer que a narrativa é uma forma de mapear algo, uma representação do espaço que facilita a função do autor e do leitor. *"If the writer is a mapmaker, the critic is a map-reader, who (like all map-readers) also creates new maps in the process"* (s/p).

A cartografia literária – ferramenta metodológica utilizada neste artigo – é definida como um instrumento do campo da literatura capaz de construir uma geografia da narrativa (Piatti, 2009). A preocupação de quem se coloca no outro campo de conhecimento, daqueles que a tomam como instrumento adicional na discussão da cidade, insere-se num ambiente de pesquisa ainda limitado de produção concernente (vide exceção recente no caso brasileiro em Martins, 2017, ao discutir Moscou e São Petersburgo em Dostoiévski).

Neste artigo, o uso do mapeamento da obra literária para o entendimento complementar de processos urbanos estaria na busca de uma fonte pouco usual, na ampliação de perspectivas analíticas, no exercício interdisciplinar e, enfim, na eventual redução de vazios investigativos.

A ampliação das fontes utilizadas como, por exemplo, conjuntos de obras literárias que constroem seus relatos ficcionais sobre o cenário de uma única cidade, de cidades geográfica e temporalmente distintas e/ou conjuntos de cidades que constituam uma série histórica incrementariam as chances de aproximações acadêmicas interdisciplinares, de ocupação de vazios investigativos e mesmo da adoção de promissoras ousadas metodológicas (Ultramari; Jazar, 2016, p. 115).

Como limitação, vale ainda lembrar do erro fácil em se analisar o passado dos anos 1930 com o olhar de nosso presente. Tal estudo, apresentado a seguir, serve-se de dois elementos: a geografia pessoal e profissional de Guilherme de Almeida, revelando conhecimento de compartimentos específicos de uma cidade específica na obra desse autor, com destaque para **Cosmópolis** e **Pela cidade**. Na nossa leitura desses elementos, destaca-se a busca por inspirações e provocações para debatermos a cidade brasileira contemporânea.

A geografia urbana de Guilherme de Almeida como ferramenta metodológica

A produção das duas obras selecionadas tem São Paulo como cidade de adoção do autor e de fonte material para sua produção intelectual. Para além do entendimento da cidade como espaço construído, ou da concretude do processo urbano (Lefebvre, 2004), Guilherme de Almeida a toma em seu momento histórico como capaz de reproduzir e influenciar a própria história brasileira. Dela retira fatos, sugere análises.

Sua São Paulo é aquela que conhece expansão de sua área, de seu volume demográfico, de atividade econômica, de modernização, enfim. Joseph Love (1982), ao discutir essa cidade no período 1889-1937, não deixaria dúvida em tomá-la como a “locomotiva do Brasil”, confirmando um ambiente de apologia à tal metrópole que, como um mito, simbolizaria o processo de urbanização brasileiro que tomava forças. Abud (2004), igualmente, ao nos apresentar uma “Chicago brasileira”, atentava para a influência dessa metrópole em nível nacional.

É da época de Guilherme de Almeida, a constatação de uma urbanização ainda pouco compreendida, mas que já indicava um longo caminho sem retorno, havia se formatado. No período de 1910 a 1930, São Paulo cresce aproximadamente 136% (Santos, 2005); no plano econômico, a cidade vivia os impactos de uma industrialização de substituição e que se beneficiava da recuperação pós-crise de 1929 e a Segunda Guerra Mundial (Silva, 2007).

Guilherme de Almeida observa, analisa e escreve sobre sua São Paulo, mas também se imiscui em polêmicas sobre a perspectiva que adota para tais tarefas e sobre os atributos da vida urbana que destaca para se comunicar. Ulrich (2007) sintetiza essa situação ao lembrar da crítica de Mário de Andrade que falara da necessidade de Guilherme de Almeida se libertar de qualquer intenção bairrista (paulistana), saudosista e pouco nacionalista. Guilherme parece atender à crítica e inicia uma valorização de sua São Paulo enaltecendo seu atributo cosmopolita. Entretanto, logo revê essa posição e impõe, mais uma vez, a valorização e enaltecimento de elementos locais. Para Ulrich (2007, p. 14), tal postura, incrementada a partir de 1929, satisfaria a “frivolidade da elite paulista”, enaltecendo sua identidade progressista, a de moradores de uma “cidade cosmopolita e sem raízes profundas,

por suas transformações sociais intensas e velozes, de arranha-céus cinzentos e luminosa”. Com isso optaria em valorizar uma São Paulo do café, colonizada por fidalgos portugueses e digna de “apreciar no passado todo seu ciclo de conquistas”.

Em 1944, na letra para a Canção do Expedicionário, em uma intertextualidade com outros autores brasileiros que cantam o seu país (Scalon, 2011), Guilherme de Almeida esperadamente amplia esse enaltecimento: “Por mais terras que eu percorra, / Não permita Deus que eu morra / Sem que volte para lá; / Sem que leve por divisa, / Esse “v” que simboliza, / A vitória que virá!” (Almeida, 1944, 11ª estrofe).

Essa polêmica, entre o perfil esperado de um modernista da Semana de Arte Moderna de 1922 e o exercício de atividades diversas faz com que o próprio autor reconheça ser aceito num momento e rejeitado em outro.

Hoje, meus livros aparecem sem merecer uma só referência: e, talvez, por isso mesmo, esgotou-se mais depressa. Agentes do meu “intelligence service” já me revelaram que, entre literatos de hoje, diz-se que “não é “bem” citar ao poeta Guilherme de Almeida. Compreendo, trata-se de um poeta “vendido” (Almeida, 1955, em entrevista ao Jornal Diário Nacional, p. 41).

Guilherme de Almeida nasceu em Campinas, em 1890, passando sua infância em Limeira, Araras e Rio Claro. Segundo seu próprio relato (Almeida, 1955), chegou a São Paulo em 1902, e, depois de idas e vindas, estabeleceu-se até morrer nesta cidade. Sem se considerar as viagens curtas – como por exemplo aquela feita no Brasil para divulgar o Movimento Modernista brasileiro e para Montevideo em homenagem a Olavo Bilac -, é possível identificar uma geografia bastante restrita. Tomando São Paulo como seu retorno sempre presente, o autor passaria por cidades pequenas, sendo exceção os períodos curtos no Rio de Janeiro e Lisboa. Nenhuma se compararia àquela em que concentrou seu período de maior produção intelectual, entre os anos de 1933, quando de seu retorno definitivo a São Paulo, e 1969, com sua morte.

Em meados dos anos 1930, Zanirato (2000) aponta que São Paulo torna-se a maior cidade brasileira, com população superior a 1 milhão de habitantes; “em suas esquinas cruzavam-se diferentes personagens que conviviam naquele mesmo espaço: barões do

café, industriais, operários, comerciantes, artesãos” (p. 241). Em paralelo a esses agentes, “mendigos e vadios também habitavam a cidade e compartilhavam os mesmos espaços com os demais paulistanos” (Zanirato, 2000, p. 241). Mais que isso, esses outros agentes, são tratados pela profilaxia do ambiente urbano, pela pretensa neutralidade de seu urbanismo, pela assistência social e pela repressão.

Ao mesmo tempo, a retomada da imigração de estrangeiros, no final da década de 1930, para a capital paulista – elementos sociais comumente relatados na obra de Guilherme de Almeida – eram visivelmente sombreados por um acréscimo no número daqueles vindos de regiões como o Nordeste brasileiro (Barros, 1939 apud Zanirato, 2000). Do mesmo modo, parece-lhe estranho o processo irreversível de metropolização paulistana.

A verdadeira urbanização paulistana se afastava, pois, do cenário visto nos bairros mais antigos no entorno de seu centro histórico ou mesmo dos novos bairros, como a região dos jardins, na qual localiza-se o loteamento onde Guilherme construiria sua Casa na Colina. Vê-se assim, na história residencial de Guilherme de Almeida, um percurso que lhe é oportunizado, planejado ou minimamente possível, de acordo com suas condições sociais e econômicas, mas que reproduz com precisão a perversidade imobiliária brasileira.

A julgar pela geografia intraurbana vivenciada por Guilherme de Almeida, lhe estariam ausentes as grandes mudanças na metrópole que acreditava conhecer e dela falar. Percursos cotidianos urbanos limitados, em tese, não impedem visões ampliadas e contextualizadas. Não buscamos escrutinar a capacidade ou interesse de Guilherme de Almeida em “compreender seu mundo maior”; reiteramos que nosso propósito é o de servir-se de fatos de sua história urbana e de partes de sua obra para instigar um debate sobre nossa cidade contemporânea. É segundo esse intento que o percurso domiciliar de Guilherme de Almeida na cidade de São Paulo deve ser entendido.

Primeiramente, morador da rua Pamplona, de 1933 a 1946, e da rua Macapá, desta data até 1969, Guilherme reproduziria aquilo que Villaça (2001) descreve como os novos bairros centrais. A partir de um centro tradicional que vê a saída das famílias de alta renda, e que assiste o início de uma longa desvalorização imobiliária, novas oportunidades fundiárias são oferecidas àqueles com condições de comprar tais produtos urbanos. Tais oportunidades, ainda

segundo Villaça (2001) partiram do ainda central bairro de Campos Elísios para “Higienópolis e Vila Buarque, depois para a avenida Paulista, Jardim América e Alto Pinheiros, Morumbi, Jardim Leonor, Jardim Guedala, Granja Viana, Alphaville etc.” (p. 153).

No início de sua vida em São Paulo, Guilherme de Almeida vivencia um centro histórico de São Paulo ainda inquestionavelmente valorizado. Sua residência paterna, por exemplo, no bairro da Luz no início do século XX, confirma:

A presença do Barão de Piracicaba nas proximidades da Luz iria contribuir para atrair outros personagens importantes provenientes do interior, sobretudo parentes e afins, transformando as imediações da Estação da Luz naquilo que Yan de Almeida Prado (1929), chamaria muito tempo depois de “Vieille Roche Paulista” (Campos, 2005).

O percurso do centro antigo para a área em formação Pacaembu/Perdizes realizado por Guilherme de Almeida atesta um processo comum em nossas cidades, de uso, transformação, de desvalorização e eventual revalorização de suas partes. Como parte desse processo estão a utilização de recursos públicos para a construção de novas áreas e a subutilização de áreas dotadas de infraestrutura urbana e serviços, também implantados com esses recursos. Tais avanços da malha urbana, os quais ocorrem em concomitância com um espraiamento onde se assentam populações carentes – ausentes da narrativa de Guilherme -, são comumente apresentados como sinais de modernidade, a partir de parcerias veladas ou explícitas entre o poder público e o setor privado. De fato, o projeto do loteamento Pacaembu em 1925 pela Cia. City é antecedido da canalização de riacho e construção da avenida Pacaembu pela prefeitura de São Paulo, em 1922. Em 1935, a mesma empresa doa terreno para construção de Estádio de mesmo nome, mais tarde construído pelo governo municipal. No cenário da modernidade, em 1928, o arquiteto Gregori Warchavchick inaugura sua casa modernista no bairro (São Paulo, 2018). Na discussão sobre a construção e reconstrução do centro paulistano, Malta (2004) destaca quatro momentos distintos; os dois primeiros estão diretamente vinculados ao percurso imobiliário de Guilherme de Almeida:

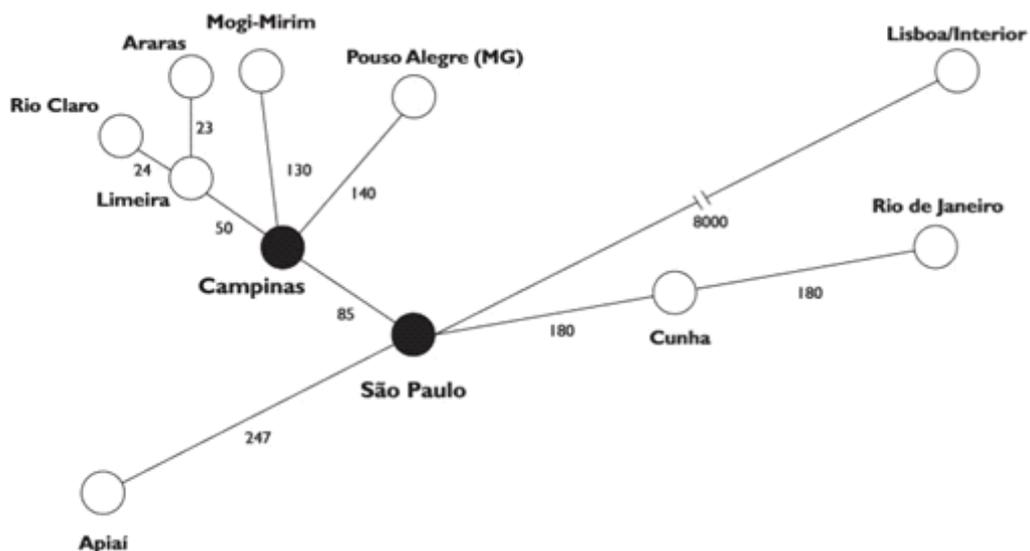
| [o primeiro] Ao longo da República Velha, a constituição de uma

primeira centralidade, como um núcleo terciário elitizado de fisionomia "europeia", por meio de alargamentos, demolições, legislação sanitária e disciplinadora, normas edilícias, obras de embelezamento e outros incentivos; [e um segundo], em meados do século XX, a expansão rumo ao centro novo, a abertura do tecido urbano ao automóvel e a verticalização intensiva, estruturadas sobre as obras do Plano de Avenidas de 1930 (s/n).

Desse modo, está definido um percurso perseguido e provocado pelo interesse do capital imobiliário, uma atuação articulada com o poder público que financia infraestruturas urbanas para os interesses da elite e, ainda assim, uma geografia bastante limitada em termos espaciais se confrontada com o crescimento e consolidação de uma região metropolitana. Sem dúvida, não se avalia a intenção de Guilherme de Almeida, nem se intenciona "avaliá-lo" pela perspectiva da especulação imobiliária.

A geografia de Guilherme de Almeida como morador de diferentes cidades mostra-se reduzida, de modo geral polarizada por São Paulo e constituída por cidades pequenas, instituindo um grande aglomerado. O circuito urbano perseguido pelo autor confirma uma afinidade maior com São Paulo capital, seu *retorno* constante de suas experiências alhures, sempre marcadas por uma transitoriedade. A polarização de uma rede urbana, há tempos exercida pela capital em termos de estado e de Brasil, é aqui também simplificada.

Figura 1 – A geografia interurbana de Guilherme de Almeida



Notas: Campinas (nascimento, ginásio parcial, no Colégio Culto à Ciência); Limeira e Araras (batizado e refúgio de epidemia em Campinas); Rio Claro (estudos primários); Pouso Alegre/MG (ginásio parcial, no Diocesano São José); Mogi-mirim/SP e Apiaí/SP (promotor público); Cunha/SP (combatente pela Revolução Constitucionalista); Lisboa e outras cidades de Portugal (exilado político); e São Paulo (ginásio parcial, graduação, advogado, poeta, jornalista, escritor, intelectual atuante, falecimento) (IHGG de Campinas, 2018 e Casa Guilherme de Almeida, 2018).

Fonte: Elaboração própria.

Ao se analisar o percurso de Guilherme de Almeida no interior da malha de São Paulo, observa-se a ausência da descrição de grandes áreas de uma cidade que se metropoliza, que se diversifica para além de uma heterogeneidade trazida por imigrantes estrangeiros, e que guarda expressivas e crescentes desigualdades sociais. Do mesmo modo que sua geografia interurbana, o percurso intraurbano de Guilherme de Almeida é bastante restrito: inicia na área central de São Paulo e avança um pouco em direção aos seus novos bairros, garantindo sua saída de bairros consolidados e sua permanência em áreas valorizadas.

O percurso centro antigo/bairros novos não pode ser considerado um destino ao desconhecido, tal qual dito pelo próprio Guilherme de Almeida, ao referir-se à casa na rua Macapá, sua última e mais representativa:

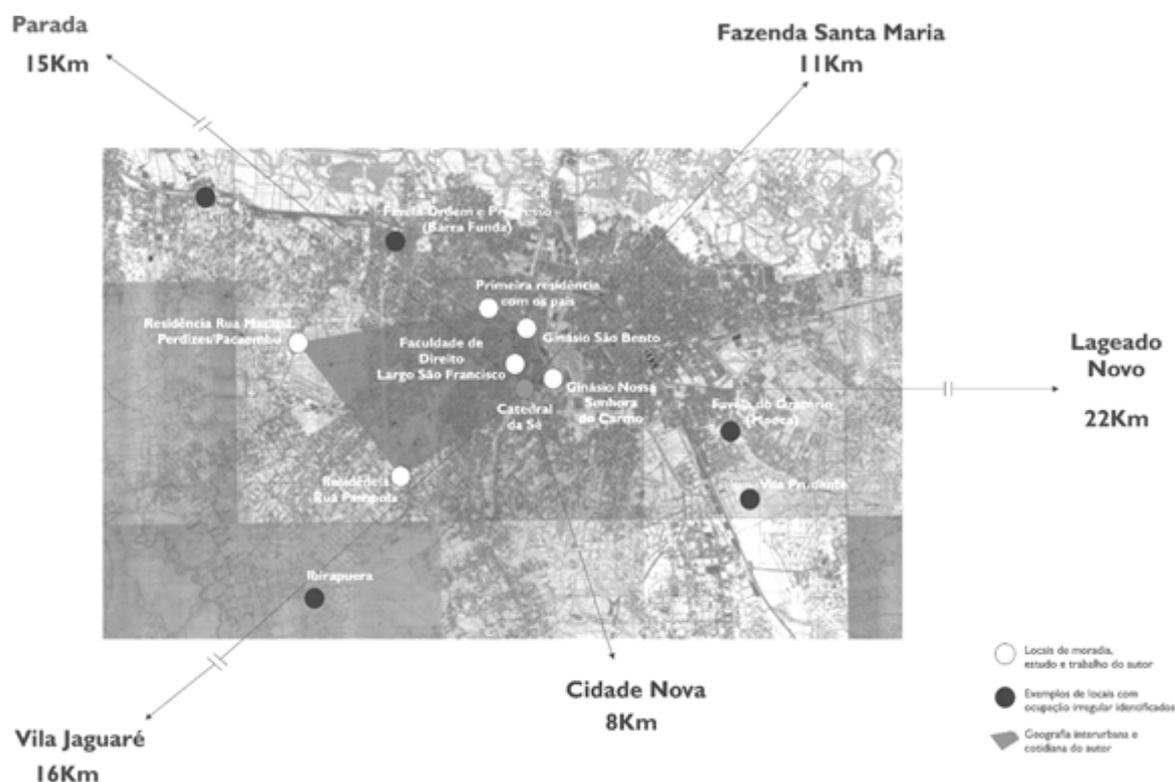
Rua curva, corcovada, de um só quarteirão e com três casas somente (a minha foi a quarta) separadas por terrenos sem muro nem cerca e erçados de mato hirsuto e anônimo – era apenas uma estrada rústica. [...] aí assentei a minha casa, porque o lugar era tão alto e tão sozinho, que eu nem precisava erguer os olhos para olhar o céu, nem baixar o pensamento para pensar em mim. Fiquei vivendo a vida daquele suposto fim de mundo, que era de fato um começo. Começo de um pequeno mundo que eu vi, dia a dia, ir-se fazendo em torno de mim. Todo aquele caos primitivo foi-me, pouco a pouco encantando [...] (Almeida, 2004a, sobre A Casa da Colina).

Ao contrário do que sugere Guilherme de Almeida, a ida para a Casa da Colina era um trajeto conhecido pelo mercado imobiliário e por uma classe com maiores opções locais. Mais que isso, a percepção de ir para um lugar distante da central praça da Sé, na década de 1940, parece equivocada se comparada com os reais contornos da metrópole. Nesse período, São Paulo já contava com uma população de quase dois milhões (IBGE, 2018),

com traços gerais da urbanização brasileira: ocupação extensiva, verticalização generalizada e preservação de usos exclusivamente residenciais “em bairros das classes mais abastadas” (Silva, 2007). Entretanto, o que mais chama a atenção é a já existência de favelas neste período; Taschner (2005), por exemplo, alerta para o surgimento de favelas paulistanas já na década de 1940, com ocorrência em bairros já conhecidos à época de Guilherme: Mooca (favela do Oratório), Lapa (na rua Guaicurus), Ibirapuera, Barra Funda (favela Ordem e Progresso) e Vila Prudente (na zona leste, existente até hoje).

A Figura 2 sintetiza aquilo que chamamos de geografia intraurbana e cotidiana de Guilherme de Almeida. Nela estão demonstrados os locais de 1) moradia, estudo e trabalho do autor, 2) exemplos de ocupações irregulares existentes nos anos 1930, e 3) exemplos de parcelamentos nos extremos mais distantes do município. Para além da mancha representada como parcelada para fins urbanos na cartografia utilizada supõe-se uma área ocupada de fato ainda maior. Assim, confirma-se a ideia de uma grande mancha urbana significativamente maior que a vivenciada e observada por esse autor de modo mais direto.

Figura 2 – A geografia intraurbana de Guilherme de Almeida



Nota: Locais definidos a partir de fontes diversas, conforme listadas no texto; no caso de não se contar com endereço preciso, fez-se por aproximação.

Fonte: São Paulo, Mappa Topographico do Município de São Paulo (Empresa Sara Brazil), 1930. Disponível em http://geosampa.prefeitura.sp.gov.br/PaginasPublicas/_SBC.aspx

Outros documentos (Bonduki, 1998; França, 2009) ampliam a lista acima. O cenário era, pois, evidente, sobretudo aos olhos de uma elite tradicionalmente moradora de áreas próximas e que ainda não compreendiam o fenômeno. Eram desconhecidos, por exemplo, os estudos da década de 1980 que aportaram uma visão marxista para a produção do espaço urbano e para os conflitos de classe característicos do capitalismo (vide, entre muitos, Castells, 1983; Harvey, 2006; Lipietz, 1982; Lojkine, 1981). Da perspectiva do urbanismo da época, higienismo, sanitarismo ou a simples desconsideração e abandono das áreas adjacentes constituíam então a política pública mais comum. Da perspectiva legal, a Lei Federal do Inquilinato de 1942 gera resistência de inquilinos despejados que passam a ocupar áreas de várzeas próximas ao centro (Bonduki, 1998).

Aos olhos de Guilherme de Almeida, a diversidade estaria no indivíduo morador de uma metrópole, mas integrante de uma grande sociedade pretensamente homogênea. Em **Cosmópolis**, ao descrever um dos oito compartimentos “estrangeiros” de São Paulo, em 1929, diz: “amigos ou inimigos ou indiferentes todos. Todos. Entretanto, que harmonia, e que equilíbrio e que igualdade! [...] Harmonia, equilíbrio e igualdade feitos de diferenças” (2004b, p. 14). A diversidade social ou de classes observada na metrópole passa pois a ser sintetizada na diversidade de etnias. Com essa diversidade seria possível reforçar a necessária “mentalidade moderna” e um “combate ao passado”, conforme identificado por Galvão Jr. e Gusmão (2008), na análise da obra de Guilherme em questão.

Para além da geografia intraurbana de Guilherme de Almeida (1890-1969), capaz de sugerir elementos para o debate urbano da atualidade brasileira, a sua produção intelectual, mais significativamente, contém material para essa intenção; mais conhecido como poeta, o autor se destaca por suas crônicas jornalísticas. Em 1926, ingressa no jornal O Estado de São Paulo e em 1929, assina a coluna *A Sociedade*, com destaques da elite paulistana e *Cosmópolis* sobre os bairros estrangeiros da cidade. A partir de 1927, publica a coluna *Pela Cidade*, no jornal Diário Nacional, assinada genialmente por *Urbano* (Vieira, 2014). Para os dois casos,

dois casos, conta-se com a versão em livro: **Pela Cidade** (Almeida, 2004a) e **Cosmópolis** (Almeida, 2004b)

Em **Pela Cidade**, Guilherme já explicitaria uma paixão e fascinação, também mesclada por certa crítica, pela cidade grande de São Paulo. Em passagem desta obra, anuncia esse fascínio em sua chegada, ainda menino, à Estação da Luz, vindo de Campinas: “Foi aí que São Paulo começou para mim [...]. Desembarcava entre bufos fortes de vapor e cheiro forte de carvão no imenso bojo de ferro marrom e tijolinhos vermelhos do inglesíssimo monumento da São Paulo Railway” (Almeida, 2004a p. 42).

Chama à atenção a descrição de como o espaço urbano é ocupado e equipamentado. Infraestruturas e serviços urbanos ocorrem de modo reativo, por demandas da população, após a ocupação, a despeito de se ter um exemplo em área mais valorizada e planejada.

[...] Assim mesmo, mais duas ou três casas ergueram-se, bonitas e corajosas, na minha estrada. E, por uma bela manhã do ano de 1950, surgiram autoniveladoras, rolos compressores, caminhões despejando pedra britada e tambores de piche. [...]. Não tardou muito, a Light plantava, ao longo dos passeios cimentados e gramados, oito postes de concreto [...] Que idéia, a minha, vir morar tão perto do centro! (Almeida, 2004a, p. 27).

Reconhece-se que o momento da escrita de **Pela Cidade** e **Cosmópolis** é o da apologia de uma certa modernidade traduzida por empreendimentos urbanos e mudanças visíveis no espaço vivido. A apologia à essa modernidade era evidente em várias expressões políticas e artísticas à época. Lofego (2004, p. 190) ao discutir esse período e sua continuidade até as comemorações do IV Centenário da cidade, em 1954, fala em um “bombardeio de positividade veiculada por quase todos os meios de comunicação”. Há visões mais acuradas e desconfiadas, certamente. No estudo feito por Maciel (2018, p. 10), sobre a obra de Antônio de Alcântara Machado, por exemplo, essa mesma metrópole de São Paulo é apresentada nos anos 1930 pelas vozes dos “caipiras, bacharéis e funcionários públicos, mulheres, crianças, italianos (e ítalo-brasileiros) e negros –, que compõem uma galeria de personagens eloquente em relação à maneira desigual com que a narrativa do progresso é apropriada e vivenciada por diferentes grupos”. Na obra de Guilherme é clara, ainda, uma possível condescendência

analítica frente aos novos problemas urbanos que começavam a ser observados na metrópole brasileira.

O noticiário dos jornais anda cotidianamente cheio de acidentes automobilísticos registrados sob os títulos mais aterrorizantes: “A morte que passa!”, “O monstro de rodas!”, “Os veículos da morte!”, “O quinto cavalo do Apocalipse!”, etc., etc. Uma charmosa injustiça. Porque refletindo-se bem, chega-se calmamente a uma iniludível conclusão: a culpa é mais dos pedestres precipitados e nervosos, do que das boas máquinas dóceis e simpáticas (Almeida, 2004a, p. 30).

A consideração do próprio Guilherme de Almeida sobre o caráter jornalístico da obra *Cosmópolis* (vide sua introdução) nos permite esperar uma descrição verdadeiramente diversa da cidade por onde caminhava.

Tudo confuso. Esthonia (com “h”?) ... Lettônia (com dois “tt”?) ... Lithuânia (sem “h”?) ... Tudo confuso. Onde? Na Europa oriental? No Báltico? No golfo da Finlândia? ... Tudo confuso. E a confusão escura na minha geografia caminha comigo, no lusco-fusco de um crepúsculo dúbio, pelos barulhos da rua Guairacus, caminha de Vila Anastácio (Almeida, 2004b, p. 37).

Assim, pode-se destacar que a cidade não se permite ser encapsulada em conceito generalizante e mesmo em apreensões analíticas sintéticas, sempre exigindo perspectivas humildemente fractais. A citação acima contribui para que se confirme esse pressuposto: no trajeto pela rua Guairacus, já no período da primeira versão da obra, seria possível identificar um processo de transformação urbana que resultaria na deterioração do compartimento central e do surgimento de uma das primeiras favelas paulistanas.

Considerações Finais

O objetivo principal deste artigo foi o de exercitar os potenciais que se acreditam existir na aproximação interdisciplinar dos campos de estudo do urbanismo e da literatura. Reconhece-se que

a pesquisa literária tem na cidade um de seus instrumentos de investigação; o contrário, o urbanismo buscar na literatura sua fonte ou estratégia de debate, no entanto, é pouco usual. O texto também contou com o pressuposto de que a interpretação do espaço urbano no mundo literário tem suas bases nas construções analíticas de quem o escreve e, posteriormente, de quem o lê. A experiência e a prática do espaço da cidade pelo autor e pelo leitor são fundamentais para a construção e a transferência da ideia por meio da narrativa.

A identificação daquilo que aqui se chamou de geografias interurbanas e intraurbanas de Guilherme de Almeida, assim como de duas de suas obras tomadas como ensaio dos pressupostos acima, serviram como instrumentos para responder ao objetivo principal da investigação. Nesta especificidade de um autor e de um conjunto de obras é possível confirmar a existência de um momento do urbanismo paulistano recorrentemente considerado nos estudos científicos desse campo: o surgimento da metrópole brasileira, já com a gênese de suas dualidades contemporâneas, com opostos sociais e provocadora de reações extremadas de celebração e de crítica ou medo.

A metrópole que cresce, que assusta e que atrai está presente em **Cosmópolis** e em **Pela Cidade**, mesclando a constante convivência de sentimentos extremados frente a um processo que já se tem como irreversível. Guilherme de Almeida, sem dúvida, opta pelo júbilo e pela celebração do urbano. Em texto seu para o discurso de inauguração de Brasília, em 1960, em momento urbano que confirmava carências crescentes, ele prefere - certamente, sem outra opção possível nessa empreitada - observar alvissareiramente um futuro a ser comemorado. Ainda que se deva reconhecer a oficialidade do momento, reduzindo qualquer tentativa de crítica, o autor confirma um claro otimismo em seu poema encomendado para a inauguração desta cidade: "Agora e aqui é a Encruzilhada Tempo-Espaço; Caminho que vem do Passado e vai ao Futuro" (Almeida, 1960, Prece Natalícia à Brasília).

A leitura dessas obras confirmou a dificuldade de se apreender o processo urbano em sua totalidade, sugerindo visões fractais de um todo mais complexo. O pedido estabelecido no título deste artigo confirma-se agora de difícil consecução. Ao mesmo tempo, demonstrou uma visão influenciada pela inserção da classe social do autor, restrita a uma geografia intraurbana reduzida em termos espaciais e mesmo tipológicos de fatores sociais e econômicos. Ideias vinculam-se à prática e, portanto, são produzidas na práxis ou produção social. Segundo entendimento

produzidas na práxis ou produção social. Segundo entendimento marxista, tais relações são determinadas, necessárias ou independentes da vontade do indivíduo. Por meio dessas mesmas relações, a classe dominante busca a universalização de suas ideias; no caso, a de uma metrópole inteiramente moderna.

A inserção do autor no fenômeno urbano por ele descrito certamente contribui para uma paradoxal redução na perspectiva analítica. A falta de um distanciamento analítico, temporal e geográfico, talvez também explique aquilo que poderia ser considerado o posicionamento ideológico de Guilherme de Almeida. A disponibilidade de informações e publicações sobre esse autor demonstrou a riqueza de fontes que aí se pode contar para além das tradicionalmente utilizadas nos estudos urbanos. Além das suas obras autorais, constatamos uma grande produção com fins literários ou biográficos que aportam descrições e análises, ainda que indiretamente, sobre um determinado processo urbano.

Por último, aquilo que consideramos mais importante, foi possível identificar o potencial da narrativa literária como provocadora de debates sobre o urbano. Real, ficcional ou sabidamente fractal, ela instiga dúvidas sobre a cidade e retrata cenários com os quais compartilhamos ou rejeitamos ao serem idealizados, geridos, apropriados, abandonados e transformados.

Referências

ABL / Academia Brasileira de Letras. (2018), Página do escritor Guilherme de Almeida. **Site oficial**. Disponível em <http://www.academia.org.br/academicos/guilherme-de-almeida>, consultado em 06/01/2018.

ABRIC, Jean-Claude (org.). (2003), "La recherche du noyau central et de la zone muette des représentations sociales". In ABRIC, J. C (Org.). **Méthodes d'étude des représentations sociales**. Ramonville Saint-Agne: Éditions érès.

ABUD, Katia Maria. (2004), "Progresso e trabalho: da vila bandeirista à Chicago brasileira". **Revista USP**, São Paulo, n.63, p. 94-101, setembro/novembro.

ALMEIDA, Guilherme de (1944), "**Canção do Expedicionário** (letra)". Música de Spartaco Rossi. São Paulo.

ALMEIDA, Guilherme de (2004a), "**Pela Cidade**". Rio de Janeiro: Martins Fontes (primeira edição 1962).

ALMEIDA, Guilherme de (2004b), "**Cosmópolis: São Paulo, 1929**". Cia Melhoramentos: São Paulo, 2004b (primeira edição 1962).

BARROS, Ademar Pereira de (1939), "Relatório do Interventor Federal de São Paulo Adhemar de Barros para o Presidente da República Getúlio Vargas". São Paulo: Empresa Gráfica dos Tribunais. In ZANIRATO, Silvia Helena. **São Paulo 1930/1940: novos atores urbanos e a normatização social**. In História Social, nº 7, 2000, Unicamp, Campinas.

BACHELARD, Gaston. (2006), **A epistemologia**". Lisboa, Portugal: Edições 70.

BARTHES, Roland. (2004), "**Aula**". São Paulo: Cultrix.

BONDUKI, Nabil. (2000), "**Habitar São Paulo: reflexões sobre a gestão urbana**". São Paulo: Espaço Liberdade.

BRESCIANI, M. Stella. (1991), "As sete portas da cidade". **Espaço & Debates. Dossiê Cidade e História**. São Paulo: NERU, ano XI, nº 34.

CABANAS, Maria Isabel Morán; INFANTE, Ulisses. (2016), "**O meu Portugal: Crônicas de um desterro [de] Guilherme de Almeida**". Annablume / Casa Guilherme de Almeida / Poiesis: São Paulo.

CAMPOS, Candido Malta. (2004), "Construção e Desconstrução do Centro Paulistano". **Ciência e Cultura**, vol.56, nº 2, São Paulo, 2004. Disponível em http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252004000200018, consultado em 20/01/2018.

CAMPOS, Eudes. (2005), "Nos caminhos da Luz, antigos palacetes da elite paulistana". In **Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material**. vol.13 nº.1 São Paulo Jan./June, 2005.

CASA GUILHERME DE ALMEIDA. (2018), **Site oficial**. Disponível em <http://www.casaguilhermedealmeida.org.br/>, consultado em 10/01/2018.

CASTELLS, Manuel. (1983), "**A questão urbana**". São Paulo, Paz e Terra, 1983.

CHOAY, Françoise. (2010), "**O urbanismo: utopias e realidades, uma antologia**". São Paulo: Perspectiva.

CLAVAL, Paul (1999), "**Geografia cultural**". Florianópolis: ed. da UFSC.

ECO, Umberto. (2008), "**Obra aberta: forma e indeterminação nas poéticas contemporâneas**". São Paulo: Perspectiva.

ECO, Umberto. (2005), "**Interpretação e Super Interpretação**". Martins Fontes: São Paulo.

FOLHA DA MANHÃ. (1955), "Como vivem nossos escritores: Guilherme de Almeida tem duas letras, uma para compor versos; outra 'social' ... e escreve em 'estado de transe'". **Entrevista ao Jornal Diário Nacional**, 02 de outubro de 1955, p. 41. Disponível <http://acervo.folha.uol.com.br/fdm/1955/10/02/1/>, consultado em 10/01/2018.

FREANÇA, Elisabete. (2009), "Favelas em São Paulo (1980-2008). Das propostas de desfavelamento aos projetos de urbanização / A experiência do Programa Guarapiranga". **Tese de doutoramento**

doutoramento apresentada à **Universidade Presbiteriana Mackenzie**. São Paulo.

HARVEY, David. (2006), "**A produção capitalista do espaço**". São Paulo, Anablumme.

HARVEY, David. (1980), "**A Justiça Social e a Cidade**". São Paulo: Editora Hucitec.

IBGE. (2018), **Censos Censitários**. Disponível em <https://ibge.gov.br/>, consultado em 15/01/2018.

GUSMÃO, Emery Marques; Galvão Junior, Heraldo Márcio. O Imaginário Bandeirante e a "Superioridade" Paulista nas obras de Guilherme de Almeida. In **V Congresso Brasileiro de História da Educação: o Ensino e a Pesquisa em História da Educação**. De 9 a 12 de novembro, 2008, Aracaju / SE. UFS/UNIT

IHGG / Instituto Histórico, Geográfico e Genealógico de Campinas. (2018), **Site oficial**. Disponível em <https://ihggcampinas.org/>, consultado em 10/01/2018.

LEFEBVRE, Henri. (2004), "**A revolução Urbana**". Belo Horizonte: Editora UFMG.

LOVE, Joseph. (1982), "A locomotiva: São Paulo na federação brasileira 1889-1937". Rio de Janeiro: **Paze Terra**.

LIPIETZ, Alain. (1982), "Alguns problemas da produção monopolista do espaço urbano". **Espaço & Debates**, n.7, São Paulo.

LOJKINE, Jean. (1981), "**O estado capitalista e a questão urbana**". São Paulo, Martins Fontes.

MARTINS, Isis do Mar Marques. (2017), "A Geografia da cidade e das transformações urbanas na obra de Fiódor Dostoiévski: o espaço em Os Irmãos Karamázov". **Boletim Goiano de Geografia**. Goiânia, v. 37, n. 3, p. 509-527, set./dez. 2017

JAZAR, Manoela Massuchetto. Curitiba perdida e Buenos Aires ausente: a apropriação da literatura de Dalton Trevisan e Ricardo Piglia por discursos da gestão urbana. 238f. **Tese de doutorado**. Programa de Pós-Graduação em Gestão Urbana. Pontifícia

Universidade Católica do Paraná. Curitiba, Paraná, 2020.

MEYER, Regina Maria Prosperi. (2006), "O Urbanismo: entre a Cidade e o Território". **Ciência e Cultura**. vol.58 no.1 São Paulo Jan./Mar. 2006. Disponível em http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252006000100016, consultado em 03/01/2018.

NASCIMENTO, Luciana. (2014), "Cartografias Literárias Urbanas em Eça de Queiroz". **Revista Ininga** v. 1, nº 1. Disponível em <http://www.ojs.ufpi.br/index.php/ininga/article/view/3187/1807>, consultado em 27/11/2017.

PIATTI, Barbara; REUSCHEL, Anne-Kathrin; HURNI, Lorenz. (2009), "Literary Geography, or How Cartographers Open up a New Dimension for Literary Studies". In **Proceedings of the 24th International Cartographic Conference, Santiago de Chile, 2009**. Disponível em http://icaci.org/files/documents/ICC_proceedings/ICC2009/html/nonref/24_1.pdf, consultado em 04/12/2017.

PIATTI, Barbara; BÄR, Hans Rudolf; REUSCHEL, Anne-Kathrin; HURNI, Lorenz; CARTWRIGHT, William. (2012), "Mapping Literature: Towards a Geography of Fiction". A Literary Atlas of Europe. **Institute of Cartography and Geoinformation, ETH Zurich**. Disponível em http://www.literaturatlas.eu/files/2012/01/Piatti2008_ArtAndCartography_Springer.pdf, consultado em 05/12/2017.

PONTES, Matheus. Jorge Amado e a Literatura de Combate: da Literatura Engajada a Literatura Militante de Partido. **Revelli: Revista de Educação, Linguagem e Literatura da UEG-Inhumas**, v. V.01, p. 147-161, 2009.

RABENHORST, Eduardo R. (2002), "Sobre os limites da interpretação. O debate entre Umberto Eco e Jacques Derrida". **Prim@Facie**, ano 1, nº 1, jul./dez.

RULFO, Juan. (1995), "Una verdad aparente". In RULFO, J.; BORGES, J. L.; MUDROVIC, María Eugenia (ORG.), **Espejo en el camino**. Ciudad de Mexico: UNAM.

SANTOS, Fabio Alexandre dos. (2005), "Urbanização e salubridade na cidade de São Paulo, 1911-1930". **Anais do XXIII**

Simpósio Nacional de História / ANPUH. Londrina.

SÃO PAULO. (2018), Prefeitura Municipal. **Site oficial.** História do bairro. Disponível em http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/upload/chamadas/viva_pacaembu_-_historia_do_bairro_1494442677.pdf, consultado em 10/01/2018.

SÃO PAULO, **Mappa Topographico do Município de São Paulo** (Empreza Sara Brazil), 1930. Disponível em http://geosampa.prefeitura.sp.gov.br/PaginasPublicas/_SBC.aspx

SCALON, Marta Benatti. (2011), "Intertextualidade: as múltiplas vozes na Canção do Exílio". **Webartigos.** Disponível em <https://www.webartigos.com/artigos/intertextualidade-as-multiplas-vozes-na-cancao-do-exilio/66525/#ixzz52VKivuNX>, consultado em 28/12/2017.

SILVA, Luís Octávio da. (2007), "A constituição das bases para a verticalização na cidade de São Paulo". **Arquitextos**, 080.05, ano 07, janeiro. Disponível em <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/07.080/280>, consultado em 18/01/2018.

TASCHNER, Suzana Pasternak. (2005), "Favelas em São Paulo – censos, consensos e contra-sensos". **Cadernos MetrÓpole**, nº 5.

TALLY JR., Robert T. (org.). (2017), "**The Routledge Handbook of Literature and Space**". Introduction. Routledge: New York.

TURCHI, Peter. (2004), "**Maps of the Imagination: The Writer as Cartographer**". San Antonio, TX: Trinity UP, 2004. 7. Print.

ULTRAMARI C.; FIRKOWSKI, Olga L. (2012) "Sobre mudanças e continuidades na gestão urbana brasileira". **Revista Mercator**, v. 11, n. 24.

ULTRAMARI, C.; CIFFONI, Ana Lucia. (2015), "The far distant city of Paris and someone called Haussmann". **Diálogos** (Maringá. Online), v. 19, n.3, p. 1371-1388, set.-dez. Disponível em <http://www.uem.br/dialogos/index.php?journal=ojs&page=article&op=viewArticle&path%5B%5D=1097>, consultado em 28/11/2017.

interdisciplinar e vazios investigativos”. **Cadernos de Pesquisa**, São Luís, v. 23, n. 2, mai./ago. Disponível em <http://www.periodicos eletronicos.ufma.br/index.php/cadernosdepesquisa/article/view/5348/327>, consultado em 06/12/2017.

ULTRAMARI, C. CONCEITO DE CIDADE: DIFICULDADES E RAZÕES PARA FORMULÁ-LO. In **Revista Brasileira de Desenvolvimento Urbano e Regional**. v. 15, n. 6 (2019). Disponível em <https://www.rbgdr.net/revista/index.php/rbgdr/article/view/5201> Acesso em 10 de abril de 2020.

VIEIRA, Guilherme Lopes. (2014), “A casa Guilherme de Almeida: lugar de memória com discurso curacional”. **Monografia de conclusão de curso** (bacharelado em História), USP, Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas.

VILLAÇA, Flavio. (2001), “**Espaço intra-urbano no Brasil**”. Studio Nobel: São Paulo.

ZANIRATO, Silvia Helena. (2000), “São Paulo 1930/1940: novos atores urbanos e a normatização social”. **História Social**, nº 7, Unicamp, Campinas

Contribuições dos autores

Todos os autores ofereceram substanciais contribuições científicas e intelectuais ao estudo.

Clovis Ultramari – Programa de Pós-Graduação em Gestão Urbana/Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba – PR, Brasil.

 <https://orcid.org/0000-0002-6441-3547>

Manoela Massuchetto Jazar – Programa de Pós-Graduação em Gestão Urbana/Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba – PR, Brasil -

 <https://orcid.org/0000-0002-7627-8346>

Recebido para publicação em 29 de julho de 2022

Aceito para publicação em 15 de agosto de 2022

Publicado em 06 de setembro de 2022